



○ NOVO FANGUEIRO ○

Director: ARMANDO SARAIVA

Mensário — Preço: 75\$00

EDITORIAL

La publicité commerciale — ou publicité proprement dite — est l'ensemble des techniques à effet collectif utilisées au profit d'une entreprise ou d'un groupement d'entreprises afin d'acquies développer ou maintenir une clientèle. (La publicité — por Bernard de Plas et Henri Verdier — Presses Universitaires de France).

Esta no o recuperada dos tempos em que curs vamos Psicologia Experimental e se apresentava a publicidade como uma das aplica es práticas daquela disciplina, veio-nos   mente quando recentemente verificámos que, em F o, as montras começam a apresentar indícios de melhoramento. Bem, mas houve alguém que deu o pontapé de saída. Houve, sim senhor.

Foi o estabelecimento que abriu na rua Azevedo Coutinho na casa que foi das Padeiras. O casal Filomena - Rafael Soares abriu ali, há quase um ano, uma sala que se pode chamar um basar de prendas. Tem sido um êxito completo.

Montras: o útil e o agradável

E a que se deve tal sucesso? Sem d vida que   publicidade. Mas aquele casal tirou algum curso de técnicas de venda? Não foi preciso. É que embora a publicidade assente em princípios a que poderemos chamar científicos, os seus elementos de base podem partir da observa o e da experiência. Vamos dizer que também da intui o. A referida loja tem nas suas montras um acervo de exemplares que chamam de facto a aten o dos passantes ou mirones e que neles despertam de imediato a tendência para a sua aquisi o, ou seja, despertam neles aquilo a que os franceses chamam *d sir acquisitif*. As paredes estão cobertas totalmente de espelhos o que lhe conferem grande profundidade. A loja é por si são um espectáculo.

Outro factor de venda baseia-se nos chamados *preços agressivos*. A Casa está a praticar preços muito baixos o que constitui igualmente um factor de sugestão. O Rafael, que trabalha numa multinacional, no Porto, é o chefe de compras e, como tal, sabe como se compra e, correlativamente, como se vende. O pre rio vai continuar sempre baixo? Mandam os livros que tratam das técnicas de vendas que inicialmente assim deve ser. O estabelecimento ganha fama de barateiro — deixa-as pousar!... e depois paulatinamente vai actualizando a tabela de preços. Numa segunda fase aparecem preços alternados: um grupo de produtos mant m tabelas baixas enquanto outros vão-se aproximando dos preços praticados pela concorrência. E depois, já com a casa feita — ganha fama e deita-te na

(Continua na pág. 12)

O PERFIL DE HOJE

Por ARMANDO SARAIVA

TEN.-CORONEL LUÍS ANTÓNIO NOGUEIRA

Confess mos que,   medida que os dias passam, vamos sentindo dificuldades em eleger pessoas fangueiras para o perfil do mês. A característica principal que mais nos sensibiliza é a diferença, em sentido positivo que deve exornar o currículo desses vultos. Diferença em sentido positivo, mas como? Torna-se necessário que esses habitantes de F o ou pessoas de certo modo ligadas à vila fangueira, se tenham destacado em obras em prol da terra, em favores ou dedica o prestados ao burgo fangueiro, em serviços especiais ou em qualidades possuídas por esses mesmos indivíduos que os tornem diferentes do comum de outros conterrâneos.



Já deixámos escrito que ser, por exemplo, doutor ou capitalista não bonda para os guindarmos ao panteão dos escolhidos. Em regra exigimos que essas pessoas tenham sido *as mais* em qualquer coisa: na arte, na política, na cultura, no trabalho ou na especificidade de uma profissão. Também no modo como se dedicaram à terra. Não imaginam as horas que temos perdido   volta de certas figuras fangueiras, aparentemente destacáveis, procurando encontrar um facto, uma característica, um modo diferente de estar na vida que os diferencie. E que não tenham deixado rabos de palha. Se não encontrarmos esse tal facto, esse episódio, esse conjunto de aptidões que tenham enriquecido ou singularizado a sua vida, essa vertente que o distinga e o focalize, nada nem ninguém nos forçará a traz lo ao pódio do jornal.

Por mais que os seus familiares sejam íntimos amigos nossos. Algumas pessoas já nos devolveram o jornal e deixaram de privar

connosco por isso mesmo. Que passem muito bem.

Temos, por outro lado, escolhido figuras t picas que não contribuíram ou ter o contribuído muito pouco para a evolu o e progresso da terra. Essas têm um estatuto próprio, mas porque já são t picas são acentuadamente diferentes.

Censuraram-nos alguns amigos por termos encaixilhado (leia-se perfilado) a figura da Deolinda Chamorro. Que não era de c . Bem, mas trabalha c  há 46 anos. Não é isso uma vida? Mas era peixeira. Mas nós queremos transmitir aos vindouros o tecido social, todo o tecido social de que F o tem sido formado ao longo dos anos, que não  , não pode ser, constituído apenas por pessoas importantes. O povo, os sans coullotes, o p  descalço, o pata ao l u, também são gente.

Queremos falar ou evocar hoje três pessoas que integraram as consideradas famílias Nogueira e Rodrigues Baptista. São eles o Ten.-Coronel Luís António Nogueira, o Coronel dr. João Rodrigues Baptista e o Adolfo Matos, cunhado de ambos se a memória não nos começa a atraioar. Tinham uma coisa comum: eram grandes amigos e defensores das belezas da nossa terra que quase consideravam como sua. Conhecemo-los aos três, mantivemos com eles um bom relacionamento relativizado, muito embora, pela diferença de idade existente entre nós e eles. Já morreram e na nossa memória permanece uma imagem muito positiva e agradável desta simpática triade. O Adolfo Matos era um brincalhão, um «maroto» como diziam algumas mulherzinhas, mas acima de tudo um verdadeiro amante de F o. De vez em quando l  mandava um postal a um dos diários portuenses a protestar contra qualquer injustiça cometida a desfavor de F o. Não podia com o nome de Ofir.

O coronel Baptista apresentava-se ao nosso imaginário infantil revestido da sua farda de oficial superior, aliás distinto, aureolado ainda com as lantejolas de *doutor*. Discursava bem — estamos a ouvi-lo numa noite de glória vivida no Clube F ozense a quando da visita do então notável violinista Vieira Pinto — passeava-se importantemente pelas ruas de F o em companhia de sua esposa e nós, ainda com os tac es dos sapatos no patamar da infância, tínhamos-lhe medo, respeito e admira o. E também simpatia porque sab amo-lo verdadeiro amigo da terra fangueira. Era sobretudo para nós um filho d'algo, como o eram nesse tempo todos os banhistas de F o.

E que mais? O que se pode dizer destas duas personagens gradas para os aureolarmos com a distin o de perfil veis? Cremos que lhes falta o tal caso, o necessário episódio a

(Continua na pág. 12)

DESPORTO

Por JOÃO PEDRAS

CANOAGEM

CAMPEONATO MUNDIAL DE JUNIORES NA ÁUSTRIA

Integrados na Selecção Nacional, estiveram a disputar este Campeonato Mundial os nossos canoístas Belmiro Penetras, Luís Pedro Sousa e Luís Faria.

Em mais evidência esteve Belmiro Penetra que conseguiu dois 4.º lugares em K1 nos

500 e 1000 metros. Sousa e Faria não atingiram as finais.

CAMPEONATO NACIONAL DE SENIORES

Em França esteve a representar a selecção Nacional, neste Mundial, Belmiro Penetra, que participou nos 10.000 metros em K4 conseguindo a representação portuguesa o 11.º lugar. Prestigante para o nosso atleta ainda Júnior ser convocado para representar o País,

num Campeonato do Mundo de Seniores.

CAMPEONATO NACIONAL DE VELOCIDADE Infantis e Cadetes

Em Melres (Rio Douro) o Náutico de Fão esteve presente neste Campeonato Nacional com os seus mais jovens representantes: Eis as classificações dos nossos canoístas mais pequenos: em K4, 5000 metros os cadetes Miguel Pedras, artur Hipólito, João Santos obtiveram o 2.º Lugar, os mesmos atletas nos 500 metros conseguiram o 3.º lugar, em C1 Cadetes. Hugo Pereira obteve o 3.º lugar nos 5000 metros e o 4.º lugar nos 500 metros, em K1 Femininos Cadetes Mónica Oliveira 5.º lugar nos 5000 metros, em K1 Femininos Infantis, Sandra Moreira obteve o 4.º lugar nos 5000 metros e 9.º lugar nos 500 metros.

Em comparação com os oito títulos nacionais conquistados pelos juniores e seniores também nestes campeonatos (já no número anterior aqui referenciados) poderá dizer-se que não foi grande proeza, mas exigir-se mais dos pequenos também é exagero. Lembramos que o ano passado nestes campeonatos os nossos infantis conseguiram um título nacional nos 5000 metros. Parabéns a todos.

— As restantes notícias do desporto não puderam sair por absoluta falta de espaço. Publicar-se-ão no próximo número.

Optica
Oliveira

ALEXO FERREIRA, LDA.

BRAGA.

GABINETE DE CONTACTOLOGIA

SEDE: Rua da Misericórdia, 6 - 12 - Tel. 75777

FILIAL: C. C. Granjinhos, Loja 518 - Piso 2 - Tel. 612933

4700 BRAGA

NOVA DOUTORA

Concluiu a sua formatura em Biologia e Geologia a menina Cláudia Maria Zão de Barros Peixoto.

Como deduziram pelo nome, trata-se de uma filha do nosso colaborador — o célebre Quím de Fão. Estão felizes os papás, não por terem uma filha doutora, mas sim porque ela tem um curso que lhe permitirá desafiá-la com esperança e optimismo o futuro que a espera. À dr.ª Cláudia Maria que vai iniciar a função docente numa escola do Porto, os nossos parabéns... extensivos aos papás.

PROVA DE CICLISMO VI Volta ao Concelho de Esposende

Horários e locais de partida: Data da prova: 8 de Setembro de 1991; hora de chamada: 8.45 horas; hora de partida — 9 horas; local de partida: Esposende - Av. Marginal; local de chegada: Esposende - Av. Marginal; quilometragem: 114 kms; categorias: seniores e juniores; percurso: Esposende, Fão, Ofir, Apúlia, Barqueiros, Vila Seca, Rio Tinto, Fonte Boa, Fão, Gandra, Gemeses, Palmeira de faro, Curvos, Vila Chã, Forjães, Antas, Belinho, Mar, Marinhas, Esposende, Fão (EN13), Apúlia, à esq. p/ Barqueiros, Vila Seca, Rio Tinto, Fonteboa, Fão, Gandra, Gemeses, Palmeira de Faro, Curvos, Vila Chã, Forjães, Antas, Belinho, Mar, Marinhas e Esposende.

Prémios — seniores até ao 20.º — vão de 25.000\$00 a 2.000\$00; Juniores até ao 20.º — vão de 15.000\$00 até 1000\$00; Metas volantes (15) — prémios: 1.º ao 3.º classificado — vão de 3.000\$00 a 1.000\$00. Prémio presença — a todo o ciclista que termine a prova ser-lhe-á atribuído um prémio de presença de 2.000\$00. Subsídios às equipas — a cada equipa será pago um subsídio de 2.000\$00 a acompanhantes; será pago um subsídio de 25\$00/km, para um carro de apoio às equipas participantes com o mínimo de 3 ciclistas.

PRECISA-SE
PORTEIRO DA NOITE
HOTEL DO PINHAL



estalagem
**PARQUE
DO RIO**

OFIR
PORTUGAL



UM LUGAR TRANQUILO

Tel. 961521 - 2 - 3 - 4 — Telex 32066

DE APÚLIA

ENTRE NÓS — Vindos do Brasil, encontram-se entre nós, a passar férias, os apulenses José Gonçalves Queiroga e Manuel Rebelo Machado.

— Do Canadá, também se encontram em gozo de merecidas férias, os apulenses Alcindo Almeida Dias dos Santos, Alfredo de Jesus Alves Queiroga e esposa, Clemente Almeida da Silva, esposa, filhos e noras, e António de Sá solino e esposa.

— Também se encontra entre nós, na sua casa da Avenida da Praia, a gozar um curto período de férias, o nosso conterrâneo Franklin Veloso Fernandes Torres, Director de Finanças do Distrito de Viana do Castelo. Está acompanhado pela esposa, Professora D. Maria de La Saete de Oliveira Fernandes Torres e pelos filhos.

BAPTISMOS — Na Igreja Matriz desta Vila de Apúlia, foi baptizado solenemente, o menino Ricardo Alberto, filho do senhor Alberto Queiroga Figueiredo, importante industrial da nossa praça e Presidente da Câmara de Esposende, e de sua esposa D. Maria Emília Miranda Mariz Figueiredo.

— Também na mesma Igreja, mas no dia seguinte (domingo) e com muita solenidade, foi igualmente baptizada a menina Ana Isabel, filha do senhor Avelino Agra Fernandes Filipe, e de sua esposa, Professora D. Maria Luísa Queiroga de Almeida.

1.ª COMUNHÃO — No mesmo dia em que recebeu as águas lustrais do baptismo o menino Ricardo Alberto, fez a sua 1.ª Comunhão o menino Fernando Mariz Figueiredo, filho adoptivo do casal Alberto Figueiredo, D. Maria Emília Mariz.

A cerimónia religiosa foi celebrada por Monseñor Manuel Baptista de Sousa, Pároco da Vila de Esposende, também na Igreja Matriz de Apúlia, com inúmeros convidados do concelho e do Distrito.

AINDA AS NOSSAS FESTAS — Lindos dias de maravilhoso sol, que procederam e antecederam os principais dias grandes das festas, a execução perfeita dos grandes e variados programas, a categoria de todos os seus integrantes, e o entusiasmo de todos os elementos das Comissões de Festas, da Senhora do Amparo e da Senhora da Guia, a «mansidão» do mar, que não se mexia, os câoros e os conjuntos musicais, o folclore, as bandas de música e as charangas, as procissões, proporcionaram as melhores Festas dos últimos anos.

Nas da Senhora da Guia, notou-se a juventude e as ideias novas da sua Comissão de Festas. até que finalmente saiu-se da rotina de tantos anos, inovou-se, melhorou-se, inventou-se, proporcionando-se assim, às muitas dezenas de milhares de forasteiros, novos e bem concebidos números. Todos esses factos ajudaram ao brilhantismo invulgar vivido nesses dias festivos, tanto em Criaç, onde se faz uma festa mais tradicional, mais clássica, e até talvez mais cara, como na Praia, onde as festas serão mais populuchas, mas mais vividas e participadas, e mais lembradas.

Para ambas as digníssimas Comissões de Festas, aqui fica o nosso obrigado. Mereceram-no as duas Comissões de Festas. Mas também o merecem de toda a freguesia.

HONRA AO MÉRITO — A notícia chegou-nos perfeitamente por acaso. Quisemos confirmá-la antes de a publicar, porque todos sabemos como se processam estas «coisas» nos «Brasis», onde não faltam doutores e coroneis.

Felizmente, era verdade. Estava a estagiar num hospital da cidade do Porto, para se especializar em medicina cardíaco-vascular, um apulense do lugar de Criaç, licenciado em medicina pela Universidade de S. Paulo. O novo dr. José Barros Coelho — de 29 anos de idade, é filho de José Dias Coelho e de Cecília de Castro Barros, também do lugar de Criaç, mas a residirem há muitos anos no Brasil.

Dizem-nos que no Brasil e Canadá, há filhos de apulenses licenciados nas mais diversas áreas da Ciência, de Medicina, do Direito, e da Engenharia. Gostaríamos de saber os seus nomes e os de seus pais, para os trazer também aqui, dar-lhe o relevo

que uns e outros merecem. E para ficarem a ser conhecidos pelos apulenses.

SÓ VENDO SE ACREDITA — Já fôz-te ver a exposição com os projectos das obras programadas para o Concelho?... Não, não tinha ido, disse ao amigo que me interpelara. Não percas, vai, avalia e faz contas. É no novo edifício do turismo...

Fui, e regresssei triste. A gente vê ou lê, e dificilmente acredita. Será mesmo assim? Será tudo assim, ou será só em parte assim?... Destinam-se milhões para obras em localidades do concelho, que uma grande parte da população do Concelho não vai compreender, e, terá até dificuldade em aceitar.

Apúlia, pode queixar-se, com alguma razão. Enquanto alguns dos seus habitantes, no inverno, não podem entrar nem sair das suas casas sem botas de borracha calçadas, noutros locais, vão ser gastas algumas dezenas de milhar de contos a desfazer praças públicas, para melhorar os pios existentes, ou para dar novos visuais!... Na recuperação de edifícios antigos, embora com algum interesse arquitectónico e cultural, o que se compreende, também se prevê gastar nessas obras aproximadamente com mil contos!!! E quanto se vai gastar nas piscinas, na Av. Marginal...

Não se infira do que fica dito que Apúlia é contra esses melhoramentos, anunciado para outros quadrantes. Aceitamos até, por ser razoável, que os seus representantes, ou defensores, julguem que é pouco. E até será.

Mas então apúlia, a segunda maior povoação do concelho, em termos económicos, físicos, e até eleitorais, não tem carências? Será que os seus Autarcas estão a defender bem o interesse da sua terra, e dos que os elegeram?

Aconselhamos-lhes uma vista de olhos a essa exposição e que tirem conclusões... Que são óbvias...

★

Por falta de espaço não foi possível apresentar todas as notícias de Apúlia, o que faremos no próximo número.

RAIOS LASER: UM DESLUMBRAMENTO

Foi uma surpresa e um prazer assistir, no último dia de Agosto, ao espectáculo, no meio do rio, organizado pela incorporação dos Bombeiros.

Chego à conclusão, que eles, além de bons apagadores de fogos, também os sabem provocar, com beleza e eficácia.

Foi o que aconteceu naquela noite.

O Rio, visto da ponte, era um mar de luz. Luz verde, geométrica, ritmada pela bela música preparada pelo sintetizador, estudante Gustavo Neves. Parabéns. A parte sonora organizada pelo Sr. Rafael, da casa Diapasão, do Porto, satisfaz plenamente todas as expectativas. A aparelhagem revelou-se excelente. Os nossos agradecimentos.

Os técnicos dos raios laser vieram de Lisboa, contratados pelos Bombeiros. Tudo eficiente e belo. O rio criou vida e o povo saiu à rua para o admirar.

O meu coração de fangueira, congratulou-se com estas realizações. Fão tem muito para dar. O que é preciso é amar a terra.

Parabéns a todos os que trabalharam neste projecto. A Semana da Juventude teve um final digno dela.

CECÍLIA AMORIM

MANUEL PIRES DO MONTE

(1.º ANIVERSÁRIO DA SUA MORTE)

Já passou um ano. Na nossa memória permanece a tua imagem rodeada de muito carinho. Nos nossos corações permanece o exemplo da tua vida de homem bom e extremoso pai.

A saudade vive permanente entre nós.

Que Deus premie a tua vida laboriosa e sem mácula.

A família Pires do Monte

LAMPIÕES

No número passado sugerimos a criação de jardins em algumas zonas de Fão, nomeadamente no largo da Praça, no Cortinhal e no Bom Jesus.

Um dia destes detivemo-nos a olhar demoradamente para os canteiros da Alameda do lado sul. Estão bem cuidados, a erva apresentava-se cortada e os extremos definidos, queremos dizer bem recortados. Só faltam ali flores, como tem Barcelos, Braga e acima destas cidades, o Porto. ficamos cheio de inveja quando nos demoramos a contemplar os jardins da invicta cidade. Uma maravilha e o mais bonito é que ninguém lhes toca. É verdade que alguns estão protegidos por uma pequena sebe.

E agora vamos adiantar uma heresia: e se se mudasse a palmeira do Bom Jesus, também lado sul, e se colocasse em seu lugar uma fonte luminosa, tão boa ou mais alta que a do Cortinhal? com os canteiros cultivados a preceito, esmaltados de flores, e ao centro outra fonte só um pouco mais alta que a da beira-rio, já imaginaram coisa mais linda?

Estamos crente que esta Junta, com a sensibilidade que se lhe conhece, vai com certeza meditar no assunto e presentear-nos com a segunda fonte mais assombrosa de Portugal. Sim que a primeira é à beira do rio em Fão.

DIA DO MUNICÍPIO

A Câmara de Esposende comemorou com pompa e circunstância o chamado Dia do Município.

Houve missa na Igreja Matriz e realizaram-se ao longo do dia — 19 de Agosto — vários espectáculos artísticos, com relevância para as actuações da Real Orquestra Ligeira Didalrei, Grupos Folclórico Maria da Fonte da Casa do Míno do Rio de Janeiro e do Quinteto António Ferro.

O número mais significativo foi porventura a Sessão Solene com a atribuição de Distinções Municipais realizada no Salão Nobre da Câmara de Esposende, presidida pelo seu Presidente Alberto Figueiredo. Foram contemplados as seguintes personagens: medalha de mérito cultural — Manuel de Boaventura e Belemino André Ribeiro. As respectivas medalhas foram entregues aos seus familiares, respectivamente Maria Amélia, filha de Manuel Boaventura e Olívia Martins Capitão, esposa de Belemino Ribeiro. Mérito Municipal: dr. Joel Pinheiro de Magalhães, médico; Mérito Desportivo — Associação Desportiva de Esposende; medalha de Bons Serviços — João Rodrigues Vilerinho, António Alexandre dos Santos, António Martins dos Santos Portela e José Sá Pereira Portela (estes dois a título póstumo).

COOPERATIVA CULTURAL DE FÃO

Com um tempo que excedeu todas as expectativas, realizaram-se algumas actividades na «nossa» Cooperativa, o que preencheu parcialmente este mês de Agosto, embora para o mês de Setembro estejam programadas algumas realizações.

Não foi por esquecimento, mas sim por falta de espaço, no jornal que a C. C. F. fez algumas omissões, na edição do mês de Agosto. Do facto pedimos desculpa.

Agradecemos a colaboração, nas Festas do S. João, dos jovens estudantes que expuseram os seus belos trabalhos na sede da Cooperativa, jovens que são uma promessa futura, no enquadramento artístico do nosso concelho. Parabéns.

O nosso obrigado ao grupo Rock dos Tifosi, que musicalmente colaborou na festa e contribuiu para o seu êxito.

Sem o auxílio e a boa vontade do grupo das senhoras e dos cavalheiros que trabalharam afanosamente para a organização desta festa, nada seria possível.

Assim foi uma «festa». A todos o nosso agradecimento.

Sem a ajuda de todos nada se poderá fazer. A Direcção por si só, não pode chegar a tudo. Seria bom que todos, mas mesmo todos, se compenetrem que sem união, não se poderá fazer nada.

Quero fazer aqui um reparo: a nossa Cooperativa foi organizada para todos os fangueiros e amigos. Será bom que ninguém trouxesse para dentro dela as suas opções políticas. Aqui dentro somos todos amigos e conhecidos. Reunimo-nos para nos divertir e dar uma ajuda, tanto às pessoas como à própria terra.

A Cooperativa tem uma base democrática e todos podem expor as suas ideias, para bem dela. Depois deste parentesis, vou continuar a minha crónica.

No dia 27 de Julho passado, tivemos o 2.º Concurso de Pesca Desportiva, no rio, e os classificados foram os seguintes: 1.º prémio — José Morgado da Costa; 2.º Dr. Joaquim Soares; 3.º Feliz Soares; 1.º prémio de quantidade de peixe — Manuel Soares; 1.º prémio de maior exemplar — Dr. Joaquim Soares.

A 10 e 17 de agosto fizeram-se 2 jantares. Foi um convívio para angariar fundos, para o qual contribuiu o entusiasmo de algumas senhoras e o trabalho de alguns associados. Agradecemos calorosamente a ajuda recebida.

No dia 25 fez-se o concurso das construções na areia para a garotada, na praia de Fão (Ofir) com as seguintes classificações: 6/9 anos — 1.º prémio — Mafalda Carvalho de Matos, patrocinado pela Cooperativa; 2.º prémio — Maria João Esteves e António Esteves (teve o patrocínio dos concessionários da praia de Fão).

10/12 anos — 1.º prémio — Mariana Alexandre; 2.º prémio — Duarte Luiz Malheiros.

Os 2.ºs prémios foram contemplados com 1 S. Sbwirt e todos os participantes, além dos prémios recebidos, também tiveram 1 T. Sbwirt, oferta da Boutique Bom Tom de Esposende, pertença da nossa associada Dona Ana Maria Vilar Domingues, José Artur e Dr. Joaquim Soares.

Está previsto para o dia 8 de Setembro um passeio fluvial no Cávado com saída de barcos do cais dos Bombeiros às 10 horas da manhã e regresso ao fim da tarde. Há sardinhas assadas e feijoada.

Também aceitamos inscrições, na Casa Penetra, para um passeio no Douro, no último fim de semana de Setembro, ou em data mais conveniente. Sem um número razoável de inscrições, nada se poderá fazer.

Iremos ter também em meados de Setembro a tradicional desfolhada.

Como podem verificar, não estivemos parados. Igualmente se realizou 1 exposição de pintura, na sede, do pintor Manuel Ferreira, nascido em Esposende em 1949.

Quem olha atentamente para a sua pintura, vê nela uma certa nostalgia e o desejo de perpetuar lugares e recantos que o tempo vai modificando quase sem querer.

Há quadros luminosos, belos de cor e beleza, mas outros há em que o tom crepuscular lhe dá um toque de saudade.

Parabéns. Pena foi que não fosse mais divulgada. O povo tem que aprender a «leitura» do pñcel. Não pode ficar albeio à

cultura e à arte. É preciso chamar a sua atenção para a beleza rica da vida artística e é através da pintura, da escultura e da música que o espírito se abre e se desprende das coisas materiais.

CÉCILIA PAIXÃO DE AMORIM

CÂMARA MUNICIPAL DE ESPOSENDE

EDITAL

ALBERTO QUEIROGA FIGUEIREDO, Presidente da Câmara Municipal de Esposende:

TORNA PÚBLICO, para os devidos efeitos, que por deliberação da Câmara Municipal de Esposende, realizada em um de Agosto corrente, se procederá à venda de 33 eucaliptos, localizados no espaço público a nascente da Escola Secundária de Esposende.

Para esse efeito deverão os interessados enviar à Câmara Municipal de Esposende, em envelope devidamente fechado e lacrado, até ao dia 23 de Setembro próximo, a respectiva proposta, cuja abertura das mesmas se verificará na reunião do executivo municipal, a realizar na quinta-feira imediatamente a seguir àquela data.

A base de licitação, de acordo com a mesma deliberação camarária, é de 80.000\$00 (oitenta mil escudos).

Para mais informações e/ou esclarecimentos, relacionados com este acto, deverão os interessados dirigirem-se à Divisão Técnica de Obras e Urbanismo desta Câmara Municipal onde poderá ser consultado o respectivo processo, dentro das horas normais de expediente.

Para constar se publica este EDITAL e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares mais públicos do costume e publicados em vários órgãos da imprensa regional.

Esposende e Câmara municipal, 26 de Agosto de 1991.

O PRESIDENTE DA CÂMARA,
Alberto Queiroga de Figueiredo

DOENTE

Numa casa de saúde do Porto foi submetida a uma delicada operação a nossa conterrânea Maria Adosinda Cardoso Salgado Torres Solinho.

Embora delicada como frisámos, a intervenção cirúrgica correu de modo satisfatório e tranquilizante.

O susto de certo modo foi grande mas o nosso amigo Solinho já pode dormir descansado.

A conterrânea Adosinda, que nos confiou ler o nosso jornal de ponta a ponta, vai ter muitos anos para continuar a saborear «O Novo Fangueiro». E alma até Almeida.

TRIÂNGULO
JOTA
UMA COLEÇÃO NOVA
PARA GENTE NOVA

O OLHAR DO DRAGÃO

SETE DIAS E SETE NOITES

CORRE, MICHAEL! CORRE!

EDIÇÕES ASA

PÁGINA JOVEM

Olá, jovens! As férias estão a acabar e um novo ano escolar já se aproxima. Oxalá que tenham retemperado as forças, para agora arregaçarem as mangas e... vamos a isto! Muita sorte para mais esta etapa!

AMANHECER NA ALDEIA

Por DONA QUEIRÓS

(Continuado do número anterior)

Aqui e além já se vêem as pessoas a trabalharem nos campos, cuidando da terra escura e fértil que sustenta a família. Ao fundo, junto ao poço, está a merenda: pão de milho, toucinho, azeitonas, a cabaça do vinho, não faltando as sardinhas fritas.

No ar, corre apenas uma brisa que embla as flores e as ervas. De todos os lados aparecem bolboletas multicolores que transformam aquele espaço rural num imenso salão de baile.

As crianças correm na direcção da escola com o farnel na mão, pois vão fazer um piquenique.

As andorinhas começam a chegar, fazem acrobacias: voam lá no alto e descem subitamente, quase rasando o chão.

Ouve-se ao longe o ruído de um tractor, um som lento e monótono de quem está saturado de um trabalho sempre igual.

Na estrada principal, que corta a simplicidade e a pureza deste mundo campestre, passam as pessoas que vão trabalhar, entre sorrisos simpáticos e bem dispostos.

Lagartos e lagartixas estendem-se nas pedras, saboreando os primeiros banhos de sol do dia. Uma aranha tece uma teia entre duas plantas, como quem tece um tapete de seda num tear.

Patos bravos esvoaçam, indo pisar num charco, forrado com a mais fina alcatifa de lentilhas-de-água e ornamentado de nenúfares, fazendo saltar uma infinidade de gotas de água prateadas.

(Continua)

BARCO

O meu barco não é grande.
O meu barco não é de aço.
O meu barco não é de madeira,
Nem de cortiça,
Nem tem uma vela
Que se enfune
E enfrente o vento.

Não é um barco que leve passageiros.
É o meu barquinho de papel,
Ou de ar, ou de estrelas,
De nuvens ou de palavras,
Ou daquilo que
A imaginação das crianças quiser soprar.
É o meu barco do sentimento.

MARTA (15 anos)

PAUSA PARA SORRIR

Um recém-casado que tinha um amigo jornalista, ao qual tinha pedido para publicar no jornal a notícia do seu casamento, ao ver que nada fôra publicado, vai ter, furioso com o jornalista:

— Então não publicaste a notícia do meu enlace, como tanto te pedi? Que amigo és tu?

O jornalista (que tinha do seu próprio casamento más recordações) tenta desculpar-se:

— Desculpa lá, pá, mas não chegou o espaço, pois tive que noticiar *outro* acidente mais importante...

★

A esposa dormiu uma noite em casa da mãe, que estava adoentada. Mas, conhecendo a tendência do marido para, na sua ausência, abusar do vinho, chamou a empregada doméstica e perguntou-lhe:

— Diga-me, Gertrudes: reparou se o seu patrão, ontem à noite, quando recolheu a casa, vinha embriagado?

— Lá isso não reparei, minha senhora — responde a empregada. — Só sei que quando entrou me pediu que lhe trouxesse um espelho para ele ver se era mesmo ele...



Desenho de ISABEL M.

FELICIDADE

No desespero, na ânsia,
Procurava, sem nada encontrar,
Sentia-se entre mar e terra
Sem saída lobrigar.
Mas quando olhei
Cansada e quase a desistir
Um clarão me iluminou
Uma luz com pureza
Alguém com coração.
Só tu me deste paz novamente
Irradie felicidade
Comovida, quase chorei.
Senti interiormente o bem
Que nem sempre se encontra:
O teu sorriso.
A tua bondade e preocupação
Fizeram-se estender-me a mão
E encaminhar-me para um lar,
E me deixar fazer parte
Da família que aqui
Finalmente pude encontrar.

ANÓNIMA

ESTA FOLHA TEM O
PATROCÍNIO DE:

Impetus 

CARTAS AO DIRECTOR

Senhor Director do semanário
«O NOVO FANGUEIRO»

Dada a minha qualidade de assinante, do jornal de todos nós, como o Senhor diz, e como fangueiro com 80 anos de existência, na plenitude das minhas faculdades que tanto agradeço ao SENHOR DE FÃO, assinando tudo aquilo que se publica sobre Fão, quer seja fraco quer seja bom, no sentido de enriquecer o meu arquivo, e consultá-lo com frequência, para acabar por verificar como as pessoas mudam, esquecendo facilmente o que dizem e que outras há que as conhecem.

Vem esta minha carta a propósito do seguinte:

Li no n.º 84, de 10 de Maio último, do «Novo Fangueiro» uma carta aberta dirigida ao senhor Director pelo Senhor Carlos Rodrigues Palma Rios, que me dá a impressão que a «Queima do Judas» é um monopólio da Associação dos Bombeiros, por ela criado, que, até, o nomeou seu notário privativo para lavar, anualmente, o respectivo testamento. Tal não é verdade, uma vez que essa tradição, na minha terra, perde-se na noite dos tempos como provo com um exemplar que tenho à mão e que envio, datado de 1949, último ano em que foram solenemente realizadas, pela Mesa da Misericórdia, as solenidades da Semana Santa, e nas quais, como irmão, participou com respectiva opa e lanterna o sogro do Senhor Director.

Mas o Senhor Palma Rios, como, igualmente, vou provar conhecer outros testamentos para maldosamente atacar.

Li atentamente a carta aberta dirigida ao Senhor Director e verifico que o seu autor se sentiu ofendido por uma leve bicada, que ele considerou inqualificável, que dois fangueiros lhe deram, e que ele, embora aborrecido acabou por encaixar dizendo ainda que «num requinte de má fé foi traído e que desde há trinta anos se habituou a sentir o carinho, o bairrismo, a hospitalidade do Povo Fangueiro».

O Senhor Palma Rios sentiu-se magoado com o sucedido o que não é consentâneo com a maneira de ser do povo desta linda sua (?) terra... como diz.

Ora, Senhor Palma Rios, lamento imenso a dor que lhe causou aquela levíssima bicadela e que direi eu quando o Senhor, sob o confidencialismo, me pregou umas parelhas de coices no sentido de me inutilizar e arrancar-me o pão e aos meus?

Esqueceu-se disso? Então vou abrir a cartilha, que tenho muito bem guardada, e recordar-lhe a sua magistral traição.

Porém, antes, algo tenho para lhe dizer: «Senhor Palma Rios, o senhor que não me conhecia de parte alguma, e que eu ainda hoje não sei nem me interessa saber donde é, nem quem é, se veio por terra, se veio pelo mar ou se foi empurrado das alturas e como paraquedista ficou, direi melhor, aterrou na minha terra, eu, Senhor Palma Rios, que nunca me interessou saber se lá donde veio era ou não uma pessoa importante, eu que nunca procurei saber porque motivo deixou a farmácia da minha terra, se teria sido despedido ou se havia terminado o prazo do contrato de trabalho, eu, Senhor Palma Rios, fiquei imensamente surpreendido com as suas declarações a meu respeito e sobre outros fangueiros.

O Senhor Palma Rios aterrou em Fão, e esta minha terra cujos filhos se abrem fran-

camente a todos aqueles que cá vêm parar, com o próprio prejuízo deles, o Senhor Palma Rios pretendeu ser importante e numa altura em que um grupo de moicanos por cá atropelava tudo e todos, o senhor, metendo-se, tal como o piolho, numa prega da camisa, obedecendo aos moicanos, peitudo como é, inoculado com a sanha do ódio e a raiva dos seus amigos, apresenta-se para testemunhar, perante a Inspeção de Finanças, no processo de inquérito que me arranjaram e pensando num confidencialismo vomita: «O Senhor Barra Reis, foi posto fora do futebol. É um indivíduo de mau carácter, vivendo afastado de todas as pessoas de bem. Faz-se acompanhar de indivíduos reles, como por exemplo do comandante e dos bombeiros demitidos. Sabe que instigou os bombeiros a abandonar a corporação. Escreve panfletos atingindo nos testamentos do Judas sempre maldosos diversas pessoas. Goza da fama de gostar de vinho, mas nunca o vi embriagado. A cena à porta dos bombeiros leva-me a crer que estavam todos, que actuavam todos, em estado de embriaguez. Vive em Fão».

Eis, Senhor Palma Rios, ipsis verbis, as declarações que maldosamente vomitou e assinou, certamente agarrado ao confidencialismo dum processo de inquérito que eu converti em processo disciplinar e assim ficar com todos os elementos que uma série psicopatas inoculados pela raiva vomitaram e que terei o prazer de os desmarcar. Coitados, foram fraquinhos em contencioso...

E porque tudo isto? Por me lançar abertamente na defesa dum chefe de família com dez filhos menores e que doidamente o atacavam na tentativa de o abater. De facto abateram-no e só lamento que a sua memória tenha sido tão pouco respeitada por aqueles que tinham obrigação de jamais o esquecer...

Considerou-se, o Senhor Palma Rios, magoado e qualificou de inqualificável a atitude de dois fangueiros que nada mais fizeram de que o chamar à ordem. Contudo as suas declarações a fls. 134 daquele processo

como devem ser qualificadas? É certo que o Senhor jamais pensou que eu delas tomara conhecimento e assim sinistramente atacou, mostrando-me a baixeza dos seus sentimentos.

Verifico que estou já a ser extenso e terei de me recordar do adágio popular que não se deve gastar cera com fraco defunto e, por conseguinte, vou terminar estas minhas leves considerações. Porém não o quero fazer sem lhe afirmar que no meu arquivo existe um arsenal de material para bombardear e reduzir à insignificância, em todas as latitudes, tudo aquilo que o senhor e os restantes moicanos disseram para me aniquilar.

Quer melhor prova? Repare apenas nisto. Cumprida a minha suspensão, requeiri e entrei de licença ilimitada e quando solicitei o regresso ao quadro acabei por ser colocado na catedral, isto é, na Direcção-Geral das Contribuições e Impostos.

Senhor Palma Rios, a minha defesa face ao ataque dos moicanos foi algo significativa e certo estou que, num futuro próximo, se Deus me conceder mais alguns dias de vida, ao tomar conhecimento dela, há-de compreender até onde vai um fangueiro genuíno.

Quanto ao Senhor Director, que neste processo também tem largas culpas no cartório, dada a minha qualidade de assinante, agradeço o espaço que, no jornal de todos nós, possa ter ocupado.

Na última semana de Agosto de 1991.

BARRA REIS

Viagens na Minha Terra

O nosso amigo João de Freitas foi o autor e produtor de uma série de documentários que intitulou com o nome de Viagens sem data, mostrados pela T.V. No dia 14 de Agosto, pelas 10,15 horas, chegou a vez de Esposende ser revelada em pormenor sob o título — De Amares a Esposende — pelo vale do Cávado. Por razões pessoais não pudemos assistir ao referido programa. Dizem pessoas idóneas que a realização esteve geitosa.

Foi citado em Fão o Restaurante Rita Fangueira que o autor conhece bem. Pensamos que em termos de propaganda turística o nome da casa de Fados «A Lareira» não devia ser esquecida.

ÀS GARAGENS

TEMOS PARA ENTREGA IMEDIATA E AOS MELHORES PREÇOS:

- TESTES ELECTRÓNICOS
- ELEVADORES DE PISTONS
- ELEVADORES DE 2 E 4 COLUNAS
- MINI-ELEVADORES
- GRUAS HIDRÁULICAS
- MACACOS
- LAVAGEM A ALTA PRESSÃO «DIMA»
- MÁQUINAS DE LUBRIFICAÇÃO
- COMPRESSORES
- FERRAMENTAS MANUAIS

REIMELI, LDA.

RUA 5 DE OUTUBRO, 272 — TELEF. 691018 — TELEX 23623 — 4100 PORTO

FOFOQUICES DO QUIM DE FÃO

• Um dia, em plena campanha eleitoral, o anterior Presidente da Câmara, Alexandre Losa, disse: «Hei-de fazer de Fão o Estoril do Norte». Enganou-se. Fão é a cloaca do Norte. cloaca quer dizer onde toda a «caca» vem depositar-se. Se a parte «velha» ainda tem sítios onde podemos pousar os pés, o mesmo já não acontece com o pinhal ou até junto dos espaços onde normalmente se recolhe o lixo. Não é mentira se inventar o «lixo» que se observa nas dunas, nos pinheiros, nos caminhos, nas ruas; vai desde as fraldas de bebé até «Toyotas» de duas rodas, passando pelos restos de comida, sacas de plástico e tudo quanto é trapo, para além de outras «paraquedistas» que por cá aterraram...

Ultimamente os dirigentes da Área de Paisagem Protegida — que eufemismo ou ironia — colocaram placas a proibir os lixos; o corte de árvores, a extracção de areia. Meu deus! Então os dirigentes não sabem que só com polícias e multas sérias é que se resolvem e ensinam os prevaricadores?

Este ano, o nosso turismo foi, sobretudo, motorizado. A renda das casas é elevada e os veraneantes resolvem o problema com o transporte de ida-e-volta. até aí, tudo certo. Temos direito a esfregar o toucinho na areia: mas já não podemos é lançar o lixo que possuímos na Terra que nos hospeda, nem sequer «pousar» o veículo em cima dos passeios ou em transgressão. Foi um verdadeiro pandemónio. A «caça» à multa, diziam uns; é bem-feito, diziam outros, conforme o seu ponto de vista, proliferou. A G. N. R. até meados de Agosto levantou dezenas de multas por carros mal estacionados. Tinham razão. Estavam mesmo mal estacionados. Mas a frequência das multas também «emxotou» os veraneantes e daí, alguns comerciantes apresentarem as suas lamúrias por perderem clientes. Isto aconteceu quer nas pracetas de estacionamento em Ofir quer na Avenida Dr. Manuel Pais. No Ofir, estaciona-se mal por preguiça. Um pouco distante dos restaurantes, há lugar para estacionamento. O mesmo já não acontece no «coração» de Fão. Mas será necessário parar-estacionar junto do local desejado? Na Av. Dr. Manuel Pais? Porque não se estaciona no Bom Jesus? No Largo do Cais? No Fojo?

só um exemplo. Évora, que bela cidade! Que limpa! Évora tem ruas onde o trânsito é proibido. aí há residenciais; restaurantes, esplanadas. Para lá chegarmos, temos de palmilhar duzentos, trezentos metros, são as ruas com mais turistas, com mais comércio. Isto significa que se o petisco for bom o cliente não só faz bicha como vai até de gatas cheirar o local. Mas com isto, quem ganhou foi o Partido Socialista — mais um voto —. Quem perdeu foi o nosso Peira que terá de arranjar um parque mesmo que seja no rio — em frente ao jardim do Cortinhal — para aparcar os carros; no entanto, não se deve esquecer de prolongar o tudo dos esgotos, caso contrário, o voto não volta.

É uma solução: conquistar uns mil metros quadrados de terreno, ao rio, e fazer aí um parque pago, proibindo o estacionamento total na Avenida. Aí só esplanadas e então Fão ficará com mais encanto. as esplanadas são vida, prendem os turistas e quantos mais tivermos mais a terra se torna atraente. Nunca fomos contra as esplanadas; queríamos sim, que todos pudessem usufruir desse privilégio, como agora acontece.

• O nosso rio Cávado está mais limpo. A Junta de Freguesia tem melhorado a margem. o peixe, que gosta do leite, avança da foz até à ponte aos cardumes. São dezenas os pescadores de «finca-pé» de dia e de noite. os cacifos estão cheinhos de «erigos» barrigudos; robalinhos e enguias de palmo e meio. Como nunca, o peixe abunda junto à ponte! Um entendido (?) no assunto diz que a partir do momento em que a extracção de areia acabou naquele local, o «pasto» dos peixes melhorou, o fundo deixou de ser cavado e o «nascimento» aumentaram. Daí a sua abundância. as mulheres da «bicha» lá em Esposende já dizem: «Quer pescar o peixe?» vá para a ponte. olhe que na barra só apanha limo...

Ganhámos a aposta, quando há anos dizíamos

a um «entendido que a desertificação piscícola no Cávado tinha as raízes não só nas tinturarias como também na extracção de inertes. Está demonstrado. O Cávado, junto à ponte de Fão está, de novo, com centenas de canas e no meio do rio são bastantes os barquitos de pescadores amadores. Há que resguardar o peixe das redes nocturnas que também as há e de «malha-mosqueiro».

• Como me lamentei com a saída dos atletas de Fão para outras equipas vizinhas, aqui há anos, agora também me congratulo com o seu regresso ao nosso clube de futebol. Não nos esqueçamos que uma terra é grande quando tem grandes homens. Cada um naquilo que é capaz de realizar e todos juntos seremos maiores.

• Não há crise de trabalho na nossa terra. Pode haver crise de emprego, mas de trabalho não há. A Santa Casa da Misericórdia anunciou a abertura de Cursos Intensivos para preparar «técnicos» hospitalares com possibilidade de trabalho. Não digo de emprego. Esses cursos são remunerados. Quer dizer, quem se inscrever para aprender ainda recebe uma mensalidade razoável... Mas como não há crise de trabalho, os pretendentes são poucos. Compreende-se...

• Este ano comemora-se o Centenário do nascimento de Joaquim Mariz. Fangeiro de nascimento e grande benemérito quer da Misericórdia quer dos Bombeiros quer da Escola Amorim Campos, onde talvez tenha sido mais notória a sua acção através da Cantina Escolar.

Aqui fica, na presença de um filho deste fangeiro que foi Embaixador do Brasil na Europa, dos senhores Presidente da Câmara, da Junta, de representantes da Misericórdia e da Escola Amorim Campos, esboçou-se um programa comemorativo do Centenário deste ilustre fangeiro que no Brasil tinha sempre a porta aberta a um pedido da sua terra natal. Pois, nessa reunião ficou acordado elaborar um programa festivo para o último trimestre do ano, em data a designar. vamos-nos preparando para agradecer, como só nós somos capazes, o amor a Fão, mostrando que sabemos ser gratos a quem nos ajudou num passado em que ser Brasileiro era ligar de algum modo o seu nome à terra. Saldemos essa dívida repondo o seu «Nome» no devido lugar. Diz Ferreira de Castro em «Emigrantes»: «O oiro do Brasil fazia parte da tradição e tinha o prestígio duma lenda ... viam-no refulgir nas igrejas, nos palacetes, nas escolas, nas pontes e nas estradas novas que os homens enriquecidos na outra margem do atlântico mandavam executar». Joaquim Mariz pertence a esta galeria de fangeiros emigrantes que nunca esqueceu uma «pópita» para a sua terra.

• Posto de Turismo. Encerrado! Para férias? Falta de pessoal? Só abre no Outono? A Câmara, o Turismo não terá um salário mínimo para pagar a alguém consciente... (?)

No próximo ano, candidato-me a um salário extraordinário e terei os «turistas» bem informados. Vou repescar os «reformados» dos anos sessenta e vamos informar como só nós sabíamos...

Abertas as inscrições para «ocupação de tempos velhos» isto é: O.T.V. ne, o O.T.J. ne, O.T.L. porque estes fecham a porta ao Zé Turista, em Fão.

PORTOS DE MAR

De João Mendanha, um fangeiro silencioso e nosso prezado assinante, recebemos fotocopiado o opúsculo do Padre Jerónimo Chaves intitulado «Portos de Mar na Costa Norte e sua importância». Já procurámos esta obra na Biblioteca do Porto mas ali nada se encontrou da autoria de Chaves Coupon (pseudónimo de Jerónimo Chaves).

E de repente aparece-nos de mão beijada esta obra. E o mais curioso é que já não falamos com o João há um ror de anos.

A velha costela fangeira faz destas coisas. Muitas graças, caro João.

FESTAS DA SR.^a DA BONANÇA

As festas da sr.^a da Bonança, protectora dos pescadores, iniciaram-se no dia 23 de Agosto e duraram até o dia 25 do mesmo mês.

Foram estes dias preenchidos com os ingredientes normais: transmissão de música gravada, procissão de velas, e actuação do conjunto ETC-90, isto no primeiro dia. Em 24 deu entrada em Fão o grupo de Zés-Pereiras — Estrelas do Norte. Na mesma tarde de sábado, na Tarde do Pescador, houve jogos particulares da parte de tarde e à noite exibiram-se o grupo António Marta e a sensacional Banda Plástica que toda a gente conhece e admira. Houve sessão de fogo.

O domingo foi mais preenchido: às seis horas, alvorada. Ainda bem que não ouvimos. De manhã, houve missa campal e à tarde realizou-se majestosa procissão. A partir das 15 horas, actuou a afamada banda de música Visconde Salreu. À noite, outra actuação do já famoso conjunto Tifosi, também cá da vila.

Enfim, um programa aliciante, o que denota trabalhos, canseiras e imaginação dos seus responsáveis. Eis os seus nomes: Armando Solinho, Armando Barbosa, António Soares, António Graça, Manuel Magalhães, António Barbosa, Augusto Carneiro, Francisco Brandão, Francisco Solinho, Amândio Barra Reis, Joaquim Bolas, Delfim Lima, Sérgio do Fojo, Henrique Lagarder e Adriano das Pedreiras.

Foi sem dúvida uma comissão briosa que merece parabéns.

Inauguração do Posto de Turismo em Esposende

No dia 13 de agosto inaugurou-se o Posto de Turismo de Esposende com a presença do Governador Civil de Braga dr. Ribeiro da Silva, do Presidente da Comissão Regional de Turismo do alto Minho dr. Francisco Sampaio, Presidente da Câmara de Esposende Alberto Figueiredo e outras entidades.

O novo edifício comporta um auditório, uma sala de exposições e salas de serviços. No salão de exposições podiam ver-se as maquetas e plantas de algumas obras que vão iniciar-se no concelho e que ficarão acabadas dentro de 4 a 5 anos. Presidente *dixit*.

Destacamos a Pousada da Juventude em Fão, cujos trabalhos nesta altura já vão adiantados, um gimnodesportivo também na nossa terra, uma piscina em Forjães e uma série de obras que vão ocupar toda a margem direita do Cávado, desde o antigo matadouro até à foz. Piscina coberta com vários apoios, marina, ancoradouro para barcos e pesca e um estaleiro situado num local perto do cemitério. O conjunto das obras projectadas para Esposende (vila), com estudos feitos e financiamentos garantidos, vai atingir milhões de contos.

Interrogamo-nos se as obras projectadas para a sede do concelho não vão dar razão aos críticos dos cafés, das ruas e dos jornais que acusam a actual Câmara de macrocefalia, isto é, concentração desmesurada de obras na vila de Esposende.

ENTRE NÓS

Vinda do Canadá esteve em Fão, na companhia de sua esposa, o nosso prezado conterrâneo e assinante, Boaventura Peixoto.

Como sempre, procurou inteirar-se dos problemas locais e mais umas vezes revelou-se um grande amigo e admirador do nosso jornal que lia com total aprazimento.

Já voltou ao seu local de trabalho após umas férias bem merecidas.

★

Vinda do Brasil encontra-se entre nós a fangueira Maria Gilda Coelho de Almeida (a Gilda do Dona Neves) em companhia de seu marido José Augusto Rodrigues Almeida.

Desejamos uma boa estadia.

★

Estivemos na noite de domingo na Lareira — o nosso poiso habitual é aos sábados — e por razões de espaço, sentamo-nos na mesa do primo Aleixo, muito junto de uma outra mesa onde estava o Ruca que por sua vez se encontrava acompanhado de duas senhoras. Uma era a esposa, claro, mas outra não a conhecemos. Ela bem se ria, achava piada às nossas piadas, e nós ainda com uns restos de marialvismo até pensarmos que...

Bem, o que é certo é que viemos embora sem sabermos quem era. Faltou-nos pachorra para isso.

No dia seguinte passámos junto à porta do sr. António Lapa Pinto e vimos então a mesma pessoa, a de véspera, esparramada na mesma porta. E então fez-se luz no nosso pensamento. Era a Rosinha Lapa Pinto. Nem mais.

Boa estadia, cara Rosinha, e apareça à gente. (Já não sabemos se nos tratávamos por *tu* ou por *você*).

Regresso ao Trabalho

Estiveram em Fão em gozo de férias e tiveram a gentileza de pagar a assinatura dos jornais, os nossos prezados conterrâneos: Américo do vale Carvalho (este vai e vem de França como se fosse ali, a Apúlia; Manuel Faria Graça, Orlando Ferreira Graça, Joaquim Magalhães, Manuel Arantes Gomes, António José Morim de faria, reinor de Sá Pereira (o Patriarca), Abílio Martins Sobral, Amândio Ferreira, Manuel de Sousa, João Maria Ferreira Ribeiro, Manuel Gomes Neto (Brasil), Domingos Morais da Silva, Angélico Nuno Gomes Maciel, José Faria Graça e Júlio Maciel Oliveira.

Nesta altura — 5 de Setembro — já chegaram aos estrangeiros lares.

Resta-nos desejar a todos felicidades, sobretudo muita saúde.



AUMENTE O SEU COLESTEROL!

Ora pois! Estas feriazinhas passadas nas Termas, com dieta a preceito e águas medicinais, foram um «atraso de vida» para o aumento do vosso colesterol, tarefa a que dedicada e abnegadamente nos devotámos...

Então, vamos lá recuperar o tempo perdido? aí vão umas receitazinhas bem a propósito para o fim em vista:

ROLO DE CARNES

lombo de porco — meio quilo.

Vitela da perna — meio quilo.

Pão — um, pequeno.

Farinha de trigo — 30 gramas.

Ovos — 2 (as 2 gemas e só uma clara).

Cebola — uma, pequena.

Sal, leite e salsa — q.b.

as carnes devem ser picadas como para «hamburgers» e junta-se-lhes o pão, previamente demolido em leite, a cebola e a salsa, ambas picadas, e o sal.

Mistura-se tudo muito bem e vai-se então deitando a farinha, as gemas e a clara, amassando muito bem, e formando um rolo, que se põe numa assadeira untada com margarina e que se cobre com tiras de presunto. Vai então ao forno, a assar.

BOLACHINHAS DE FLOCOS DE AVEIA

flocos de aveia — 200 gramas.

Manteiga — 150 gramas.

Açúcar — 120 gramas.

Fermento — 2 colheres de chá.

Mistura-se tudo e deixa-se para o dia seguinte.

Então, juntam-se uma gema e uma clara de ovo, e tendem-se umas bolachinhas que se colocam num tabuleiro polvilhado com farinha e vão a cozer em forno brando.

E é tudo, por hoje. Bom apetite e um abraço da

TIA MARIQUINHAS

«DATATEX - ESPECIALIZAÇÃO INFORMÁTICA, LIMITADA»

CONSERVATÓRIA DO REGISTO COMERCIAL DE ESPOSENDE — N.º DE MATRÍCULA 00386 — N.º DE IDENTIFICAÇÃO DE PESSOA COLECTIVA 502 214 040 — N.º DE INSCRIÇÃO 00001 — N.º E DATA DA APRESENTAÇÃO 03 91/08/07

MARIA DO CÉU NEIVA PORTELA, Conservadora Destacada, CERTIFICADA, que foi depositada a fotocópia da escritura, donde consta a renúncia à gerência, pelo ex-sócio WOLFGANG FRITZ JOSEF BISBING.

CONSERVATÓRIA DO REGISTO COMERCIAL DE ESPOSENDE, aos 14 dias do mês de Agosto de 1991.

A CONSERVADORA DESTACADA

a) *Maria do Céu Neiva Portela*

«DATATEX - ESPECIALIZAÇÃO INFORMÁTICA, LIMITADA»

CONSERVATÓRIA DO REGISTO COMERCIAL DE ESPOSENDE — N.º DE MATRÍCULA 00386 — N.º DE IDENTIFICAÇÃO DE PESSOA COLECTIVA 502 214 040 — N.º DE INSCRIÇÃO 00001 — N.º E DATA DA APRESENTAÇÃO 04 91/08/07

MARIA DO CÉU NEIVA PORTELA, Conservadora Destacada, CERTIFICADA, que foi depositada a fotocópia da escritura, donde consta que foi nomeado gerente MARY MCNEISH COSGROVE, casada, residente na Rua Serpa Pinto n.º 53-A, Fão, esposende.

CONSERVATÓRIA DO REGISTO COMERCIAL DE ESPOSENDE, aos 14 dias do mês de Agosto de 1991.

A CONSERVADORA DESTACADA,

a) *Maria do Céu Neiva Portela*

ESPECIALIZAÇÃO CLÍNICA

Com a elevada classificação de 19,5 valores, terminou o Internato de Cardiologia no Hospital de Santo António, Porto, o nosso bom amigo dr. João Carlos Enes Baptista da Silva.

Este promissor clínico que apresenta um currículo invejável onde constam comunicações em congressos, palestras, mesas redondas, vários cursos e trabalhos publicados, tem sido o responsável pelo serviço de electrocardiogramas no Hospital de Fão.

Lentamente o concelho de Esposende vai-se apetrechando com um corpo de clínicos naturais desta região que pelo seu trabalho e competência muito dignificam a profissão que abraçaram.

Esperamos que os hospitais do concelho consigam agarrar e manter ao seu serviço tão distintos clínicos.

Aos pais do jovem médico, Piedade e João Silva, os nossos parabéns. Ao nosso antigo aluno dr. João Carlos aquele abraço.

(Continuado da pág. 9)

compactos, por dificultarem o desenvolvimento radicular das plantas.

A drenagem deve ser boa pois o melão é sensível ao excesso de humidade.

O pH ideal para esta cultura anda entre 6 e 7, pois o melão encontra-se entre as plantas que melhor reagem às calagens (correções de solo) feitas em terrenos ácidos.

6 — CLIMA:

O melão, por ser uma planta originária de países quentes, necessita de grande quantidade de calor, assim como de uma atmosfera que não seja demasiado húmida. É uma planta sensível às geadas de primavera. *Detém o seu crescimento quando a temperatura baixa aos 12° centígrados.* As melhores temperaturas para obter um desenvolvimento óptimo, situam-se entre 18 e 24° centígrados. É

muito exigente em luz. Os máximos rendimentos obtêm-se com 15 horas diárias de luz.

A qualidade dos frutos é tanto melhor, quanto maior é a temperatura, próximo da altura da maturação.

A água em excesso, na fase da maturação, torna os frutos de pior qualidade e mais susceptíveis ao ataque de doenças.

7 — ESTRUMAÇÃO:

A matéria orgânica é imprescindível ao bom desenvolvimento e crescimento dos melões.

Há autores que afirmam, que sem estrume não se consegue o máximo de rentabilidade nesta cultura. Aconselham-se doses entre 30 a 40 toneladas de estrume, por hectare, sendo este sempre bem curtido, convenientemente espalhado e incorporado com a lavoura de fundo.



CALIBRADORES DE FRUTA GREEFA

CALIBRADOR A3 / AM



PORMENOR DE QUEDA DE CALIBRADOR POR PÊSO



DESCARREGADOR E ELEVADOR



CALIBRADOR POR PÊSO 4 LINHAS



TAÇAS DE CALIBRE POR PÊSO



PRÉ-CALIBRADOR



SISTEMA "TRAY-PACKING"

TELEF. 044/81 23 22
FAX 044/81 23 02
TELEX 43811

SONDECA

APARTADO 12
PARCEIROS
2401 LEIRIA CODEX

8 — ADUBAÇÃO DE FUNDO:

Esta, está em função da maior ou menor riqueza do solo, e dos elementos que a cultura retira do mesmo. Para se fazer uma adubação correcta, há que ter presente os resultados da análise da terra.

Por hectare, um meloão retira em média para produzir 20 a 26 toneladas, 55 Kgs. de azoto, 25 Kgs. de ácido fosfórico, 110 Kgs. de óxido de potássio, 90 Kgs. de óxido de cálcio e 15 Kgs. de óxido de magnésio. Assim, para um terreno de riqueza média, aconselhamos a utilização de 100 a 150 unidades de azoto, 80 a 100 unidades de fósforo, 150 a 200 unidades de potássio. Poder-se-á usar um adubo composto do género 12-12-17-2 (Blaukorn), à razão de 700/1000 Kgs. por hectare, ou a mistura dos adubos simples:

- Nitro-amoniacal 20,5% — 250/300 Kgs.
- Superfosfato de cálcio 18% — 450/500 Kgs.
- Sulfato de potássio 50% — 250/300 Kgs.
- Cloreto de potássio 50% — 250/300 Kgs.

9 — ADUBAÇÕES DE COBERTURA:

A adubação azotada, não deverá ser feita de uma só vez, na altura da semeadura, convindo ser fraccionada em 2 vezes, eis pois o interesse em fazer adubações de cobertura com este elemento.

(Continua no próximo número)

O CÁVADO — ONTEM E HOJE

Ó Cávado bendito, que muito do que somos hoje to devemos! Caminhas moribundo, rumo ao mar, teu sepulcro eterno!

Foi com estas palavras que terminei um artigo com o título «Requiem pelo Rio Cávado», publicado neste jornal, no seu n.º 30 de 10 de Outubro de 1986.

Muito se poderia escrever sobre o nosso rio de que tanto nos orgulhamos, mas que tão pouco fazemos para o defender.

Falar-se dele no presente, só como grito de alerta para as consciências adormecidas que a maioria das pessoas possuem.

Falar do passado, isso sim. Foi grandioso. Ele era, há um século atrás, um rio cheio de pujança. Sem dúvida que o rio Cávado contribuiu para o desenvolvimento de Fão. Os seus estaleiros navais foram na altura o orgulho de toda esta região.

Mas essa actividade, por muito importante que tenha sido, não pode de maneira nenhuma ofuscar outras realidades, não menos importantes que aqui se desenvolveram e que lamentavelmente ninguém fala.

Refiro-me particularmente à indústria da cal.

Chegaram até nossos dias três importantes fornos da cal nas margens do Cávado. Um encontrava-se à entrada da barra, na margem direita, onde hoje se encontra o Hotel Suave Mar. Foi demolido para se construir o referido Hotel. Os outros dois situavam-se na margem esquerda em Fão, mais precisamente no Caldeirão, Pedreiras.

Os barcos, enormes barcaças, transportavam a pedra calcária da Figueira da Foz, subiam rio acima até ao Caldeirão onde a descarregavam.

Ali se procedia à cozedura, que depois de acabada, seguia em carros de bois com destino a Barcelos e Póvoa de Varzim.

Esta actividade teve o seu apogeu na segunda metade do século passado. Tal como aconteceu aos estaleiros navais, a sua que-

da deu-se pelas mesmas razões: construção da ponte que não permitia a passagem das barcaças que eram movidas pelo vento. Os mastros das velas não passavam por baixo da ponte. O outro factor foi o assoreamento do rio.

Para solucionar o problema, os Industriais do Caldeirão tiveram que mandar construir barcaças de fundo chato movidas a remos e varas.

Assim, a grande barcaça que trazia a pedra calcária da Figueira da Foz, ancorava em Esposende e a carga era transferida para barcos mais pequenos que por sua vez a transportavam até ao Caldeirão.

Só que isso onerava tanto o produto final, que este jamais pôde competir com outros calcários de proveniências diferentes. Assim os fornos da cal do Caldeirão tiveram que paralisar.

Continuou porém a laborar o forno de Esposende à entrada da barra, mas também este tinha os seus dias contados. Com efeito, o assoreamento do rio também se fez sentir na barra, e em 1938 uma barcaça carregada de calcário, com destino a este último forno, ficou encalhada na barra. Ali esteve alguns dias em risco de se perder. Foi possível desencalhá-la, graças às grandes marés de Agosto. Mas jamais voltariam as barcaças com a sua carga a este rio, e, assim, o último forno da cal no rio Cávado teve que deixar de laborar.

Em 1947, com a construção do Hotel Suave Mar nos antigos armazéns do forno, fizeram-se obras de restauro, procurando integrá-lo no novo conjunto, o que de certo modo foi conseguido. Só que alguns anos depois, havendo necessidade de ampliar aquele estabelecimento, o forno foi demolido sem contemplações.

Como recordação de toda esta actividade resta-nos um dos fornos no Caldeirão, felizmente bem conservado e defendido pelo seu actual proprietário.

O forno da cal do Caldeirão é uma reliquia da história de Fão. É sem dúvida o ex-libris das Pedreiras que sempre que participa nas marchas populares tem o forno da cal como o seu emblema, o seu brasão.

É preciso que as gerações vindouras recebam de nós o testemunho do nosso passado e o saibam defender com a dignidade que merece.

JOSÉ RAMOS DA SILVA

O NOVO FANGUEIRO

Mensário regionalista

DIRECTOR: Armando Saraiva

CHEFE DE REDACÇÃO:
Maria Emília Corte-Real

COLABORADORES PERMANENTES

Armando Saraiva
Maria Emília Corte-Real
Tia Mariquinhas
Fernando de Almeida
Ceclia de Amorim
Dinis de Vilarelho
José Ramos da Silva
A. Ramos Assunção
Quim de Fão
Agonia Pereira
João Pedras

PROPRIEDADE:
Armando dos Santos Saraiva

ADMINISTRADORA:
Zita Saraiva

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
R. de Cima n.º 5 — Fão
Telefones 961475 - 962150

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
BINOGRÁFICA
Praça João XXIII — Telef. 684318

Assinaturas de «O NOVO FANGUEIRO»:
Anual..... 750\$00

A cobrança de «O Novo Fanguero» através dos Correios será por conta do assinante.



HOTEL DO PINHAL

OFIR - FÃO — 4740 ESPOSENDE
TEL. 053 - 96 14 73/4
TELEX 32857



Em plena Costa Verde, num pinhal com uma área privada de 40.000 m², frente ao belo estuário do Cávado, a 300 metros do mar e da típica Vila de Fão. ★ Dispõe ainda de uma reserva natural privada com 100.000 m², a 2 km, no final de uma pequena península, que separa o rio do mar, com extensas praias desertas; passagem das aves migratórias; ideal para o hipismo, pesca e todos os desportos náuticos, bem como para o repouso. ★ No Hotel de 1.ª classe, 100 quartos, suítes e apartamentos; restaurante e grill panorâmicos com grande (Chalné des Rôtisseurs); bar; pub com música ao vivo; snack com esplanada; bolte com animação periódica. ★ Salões para banquetes e conferências de 10 a 500 pessoas. ★ Galeria de arte; salas de convívio, de leitura, de jogos de sociedade e de televisão, separadas. ★ Boas Condições para deficientes. ★ Campo de jogos (medidas oficiais para futebol), ténis, badmington, ping-pong; 2 piscinas com jardins e amplos relvados. Ótimo para crianças (bab-sitter opcional). ★ Parque de estacionamento privativo e garagens individuais.

Outras facilidades: Golfe, hipismo, equipamento náutico e pesca, bicicletas, rent-a-car e excursões organizadas ★ Casino e mercado típico (15 km) ★ Aeroporto internacional (35 km) ★ Caves de Vinho do Porto (50 km) ★ Galiza (75 km).

TEN.-CORONEL LUÍS ANTÓNIO NOGUEIRA

(Continuado da pág. 1)

tal faceta para os fazermos sobressair entre os demais.

Vejam agora o currículo do Ten.-Coronel Luís António Nogueira. Mais uma vez vamos funcionar como o cardeal Diabo no processo de canonização de qualquer candidato a santo.

Foi, como já dissemos, um distinto oficial da Administração Militar. Integrado no famoso Regimento de Cavalaria de Chaves, combateu em África nas guerras da pacificação. Numa segunda vez que esteve em Moçambique, exerceu o cargo de Presidente da Câmara de Quelimane.

No segundo regresso à Pátria, o navio onde viajava, o Lusitânia, naufragou. Navegando numa baleeira em companhia de 18 náufragos, conseguiu salvar-se, ele e os seus camaradas. Chefiou depois o Grupo de Subsistências da Póvoa de Varzim até ser integrado no CEP que combateu em França na guerra de 1914-18.

Exerceu o cargo de sub-Director da Administração Militar de Lisboa sendo atingido nesse posto pelo limite de idade. A partir daí fixou-se em Fão, apesar de ser natural de Redondelo - Chaves. Não sabemos mas pensamos que a sua fixação na terra fangueira se ficou devendo à influência de sua esposa. O certo é que tomou Fão como sua terra adoptiva. Comprou a casa que pertencia à família Correia Leite (onde morou o dr. Alceu).

Como Presidente da Direcção e da Assembleia Geral do Clube Fãozense desenvolveu ali as maiores obras nele efectuadas desde os tempos da sua fundação. Desenvolveu mais tarde as mesmas funções nos Bombeiros e, pelo zelo e competência que então revelou, foi aclamado sócio honorário daquele organismo.

Com uma postura sempre muito digna, mas ao mesmo tempo impulsionado por uma

vontade rara de ser prestável e um sentido humanitário invulgar, foi insistentemente assediado para a consecução dos mais diversos favores: obtenção de empregos, internamento de doentes, subsídios e pensões a velhos, inválidos e viúvas pobres. Raro era o dia em que não lhe tocavam a campainha.

Dotado de uma esmerada educação, nunca atendia ninguém à janela ou à porta da rua: era na sala de visitas onde tomava notas, informava-se detalhadamente acerca do pedido que lhe era feito e nunca deixava em meio qualquer solicitação. Acompanhava-a até ao fim. Foi por seu intermédio que o famoso Menana (quem nos pode ajudar a conhecer a sua biografia?) foi internado na Mansão dos Inválidos Militares de Runa. Pode afirmar-se sem reboço que todas as famílias da terra e muitas do concelho recorreram aos seus generosos préstimos.

Conjuntamente com o cap. Jorge Larcher fundou na terra fangueira uma delegação da Liga dos Combatentes da Grande Guerra. Adquiriu ainda talhões privativos nos cemitérios de Fão e das Marinhas para os ex-combatentes.

Converteu-se sem sombras de dúvidas num grande samaritano ao serviço da terra que passou a amar. Foi ainda um insistente apregoador das belezas de fão e, por seu intermédio, muitas famílias habituaram-se a escolher a nossa terra como local de veraneio.

Parece-nos justo o estatuto de perfilável que lhe atribuímos.

NOITES DE OFIR

«Noites de Ofir em tempo de verão» foi uma iniciativa do Hotel Ofir para animar as suas noites e proporcionar um ambiente de festa aos amigos de Ofir. «Verão Quente» que foi bem passado na noite de sexta-feira, dia 30 de Agosto.

Houve de tudo: a participação de várias centenas de pessoas, uma noite com uma temperatura à Algarve, «Comes e Bebes» e programa de diversão que incluiu música tradicional, ranchos folclóricos, surpresas, artesanato, rifas, jogos tradicionais e finalmente um demorado fogo de artifício.

Nos «Comes e Bebes» havia barracas de doces, pipocas, algodão e outros que tais. E ainda caldo verde, sardinhas, frango no churrasco, fêveras, espetadas de borrego em «Pau de Loureiro», mesa de saladas saloias, doces regionais, vinho de pipa, sangria e barracas das bebidas.

Muita alegria, muita animação, muito apetite, enfim, um delicioso *Barbecue*, nos jardins do Hotel Ofir.

Uma surpresa que ninguém contava com ela: foi quando o bem conhecido SHEGUNDO GALARZA, que durante o mês de Agosto animou os jantares, no Restaurante principal, com música de piano, irrompe do meio da pista onde se encontrava a dançar e vai substituir o bateria do conjunto «Surprise Project» que estava então a animar a malta. Claro que a música adquiriu outro ritmo, outra vivacidade com Galarza a impôr o andamento. O conhecido maestro cantou, trauteou, e ainda fez vibrar o coração dos seus fans que são muitos, diga-se. E pôs toda a gente a dar ao pé, gente que se sentiu muito honrada com tão distinto maestro.

Agradecemos o convite que gentilmente nos foi feito.

O NOVO
FANGUEIRO
FÃO

EDITORIAL

(Continuado da pág. 1)

cama — haverá uma tendência para o nivelamento, disfarçado com certas promoções. Não sabemos se este casal vai assim proceder, mas é isso que os livros recomendam.

O casal está igualmente atento a novos produtos que aparecem e, por isso, o bazar vai-se renovando e actualizando especialmente com as quadras do ano.

Dizem ainda os livros, nomeadamente a obra escrita por De Plas e Verdier que «l'ement sexuel joue un grand rôle, peut-être désormais un grand rôle dans beaucoup d'annonces». O apelo ao inconsciente freudiano, a utilização de pulsões instintivas tentam numerosos publicitários e o Rafael não fez excepção. Inteligentemente deu a volta ao texto e encheu a casa de figurinhas de barro, mistas ou individuais, em pose que nós chamaríamos pornográficas mas a quem libertamos deste estigma porque comportam uma componente essencialmente humorística: elas fazem rir a bandeiras despregadas quer os mirões masculinos quer os femininos. Parafrazeando uma alta autoridade hodierna poderemos afoitar que se aprende ali mais num minuto que em 65 anos de existência.

pela calada da discríção, o enorme mostuário tem sido todo vendido, o tal, destacando-se na compra os turistas estrangeiros e «gente de todas as idades e sexos». Os proprietários já tentaram renovar a «mercadoria», mas os fabricantes que são do Algarve, não dão guarida a tanta encomenda.

É evidente que não vamos exigir que as montras de Fão se encham de pornografia. Há mercadorias que se prestam e o bazar de prendas valeu-se do ensejo.

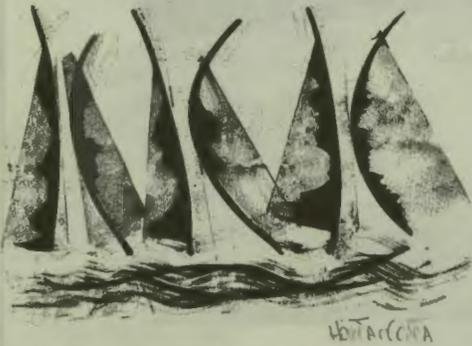
Convém destacar finalmente o bom ar apresentado pelos responsáveis da venda: a filha Mónica domina razoavelmente o inglês, o que é muito importante para a turistada. A Filomena destila simpatia e confiança e, finalmente, Mr. Porno, com o seu sorriso edulcorado, é a chama que atrai a falena.

Como sugerimos atrás, os comerciantes de Fão começam a perceber que as montras dos seus estabelecimentos não podem confinar-se à desagradável missão de necrotério de insectos. Constituem um poderoso factor de venda e ainda um poiso para os narizes dos turistas de Ofir e de outros veraneantes que nesta terra se vêm aflitos para a ocupação das horas mortas. Esta última função, sem desdouro para os demais, torna-se altamente meritória numa zona de veraneio como é a terra de Fão: junta-se assim o útil ao agradável.

EXPOSIÇÃO DE PINTURA

No Hotel do Pinhal em Ofir abriu ao público uma pintura de Michel Horta e Costa.

Pintor cuja obra se encontra divulgada em colecções particulares, museus nacionais e estrangeiros, a ele se refere Fernando Pamplona no Dicionário de Pintores e Escultores Portugueses:



«Entre o figurativo e o abstracto, Michel Horta e Costa tem desenvolvido a sua linguagem pictórica, sincopada e aberta, sempre com a marca da espontaneidade».

Na actual exposição sobressaem temas figurativos das marinas e do golfe refreados pelo abstracto.

A exposição está patente até finais de Setembro.